

MECANISMO DE AÇÃO DO MEDICAMENTO HOMEOPÁTICO

Revisão da literatura com uma proposta nova: qualquer medicamento, mesmo que seja alopático, desde que forme um dipolo, no aquoso age sobre um receptor.

Primeiro o dipolo induz a formação de uma gaiola de água a sua volta / agrupamento de memória / cluster).

Esta estrutura de água age como se fosse uma fagulha de ferro sendo atraída pelo receptor correspondente na superfície da membrana celular, tendo o mesmo poder de dispará-lo do mesmo jeito que a substância pura que lhe deu origem / soluto.

O mecanismo de ação do medicamento homeopático é um dos temas que mais tem intrigado os homeopatas em todos os tempos. Desde que Avogadro estabeleceu sua constante sabemos pela lei das probabilidades que numa diluição acima de 12 CH a chance de encontrar uma molécula do soluto no solvente é zero.

Para a farmacologia moderna este assunto não interessa, pois ela só admite ação medicamentosa quando se encontra soluto no solvente, o que é chamado de quantidade ponderável. Mesmo assim abaixo de 12 CH ainda existe substância / soluto, no entanto a atividade terapêutica da maioria das drogas chega à zero numa diluição em torno de 4 CH.

Se neste ponto aconteceu um zero farmacológico não se justificava mais continuar diluindo, a lógica para eles é esta, o que se pode esperar para além de um zero farmacológico?

A resposta a qualquer substância lembra uma senóide, como está descrito neste livro:

La Terapêutica por El Semehante do Dr Tarciso Escalante, Cap 11 ele diz: Em experimentos de Laboratório por investigadores homeopatas, resalta El hecho señalado por Lisa Wurmser de los EFECTOS SINUSODALES de fármacos que habiendo manifestado determinadas acciones a ciertas dosis, no se presentaban com dosis

menores, pero resurgian com otras, todavia más atenuadas; asi nos dice: En cuanto a La diatasa Del músculo de La rana. Person estudia sua acción sobre el glicógeno em presencia de diferentes remédios. Ahí también el glicógeno em presencia de diferentes remédios. Ahí también se encuentran las acciones sinusoidales que parecen ser muy características del estudio de diluciones sucesivas.”.

“El sublimado, em su actividad sinusoidal, toca el CERO por dos vece: a la 10 D, y a la 20 D, mientras que a la 6 D y la 15 D son activas; etc.”

No capítulo 14 do mesmo livro o autor fala sobre “El cero de los Efectos Farmacodinâmicos de los Medicamentos”.

“La prescripción de dosis em la cercanía del Cero Farmacodinámico, y sus desplazamientos por factores debidos al sujeto, nos explicanrán fácilmente v. gr. que una misma dosis de un hipnótico, puede producir em algunos, SEDACION y em otros EXCITACIÓN.

O mais fascinante é que não existe apenas um zero farmacológico. A resposta a um medicamento descreve uma senóide, onde vários zeros farmacológicos acontecem mesmo em altíssimas diluições. Esta senóide foi confirmada em um estudo feito no Brasil quando foi estudado o efeito hidratante do Cloreto de Sódio em várias diluições. Na diluição 3 C (1/100 3 vezes) ocorreu um zero farmacológico, ou seja, não houve qualquer efeito hidratante ou desidratante. Em diluições entre 4 e 17 C ocorreu novamente um efeito hidratante. Na diluição 17 C ocorreu outro zero farmacológicos. Em diluições entre 17 C e 19 C ocorreu novamente um efeito desidratante. Neste ponto a pesquisa foi interrompida. Se este estudo for repetido e forem estudadas diluições mais altas certamente novos dados serão acrescentados e se poderá desenhar uma senóide mais extensa.

Os interessados no assunto deverão ler o artigo de onde foram extraídos os dados citados aqui sobre o efeito hidratante, desidratante e os zeros farmacológicos que ocorrem devido a diversas diluições de Cloreto de Magnésio. Porto, Maria Eugênia Garcia - Tese de Doutorado - Alterações de Propriedades da Água por Processos Físicos e Químicos – 2004. Este texto se encontra disponível na Internet, mas o interessado precisa criar uma senha.

Hahnemann certamente não sabia sobre o zero farmacológico das substâncias de uma diluição em torno de 4 CH, pois ele viveu antes a farmacologia moderna e da descoberta da constante de Avogadro. Por não ter este conhecimento ele continuou diluindo os seus medicamentos além da 12 CH (onde não há mais moléculas do soluto nestas diluições) sempre na esperança de fugir dos efeitos colaterais.

Por que nenhuma molécula além de uma diluição 12 CH?

A constante de Avogadro possui 23 zeros e a cada diluição de 1/100 dois zeros são consumidos, disto resulta que em uma diluição de 12 CH os 24 zeros são consumidos.

Se não há mais um só átomo ou molécula do soluto no solvente, como é possível haver uma ação farmacológica onde não há mais substância para atuar, para disparar um receptor?

Como já foi dito no texto em itálico acima, já está comprovado há muito tempo que uma diluição bem mais alta, mesmo acima do primeiro zero farmacológico, ainda promove uma ação terapêutica.

A farmacologia ortodoxa ainda tem muito que aprender após reproduzir estes trabalhos sobre os efeitos farmacológicos de substância diluídas além de uma 5 CH.

Com certeza estes estudos confirmarão o que já foi comprovado.

Verão que uma substância ora dispara o seu recepto com um vetor positivo, ora não dispara (zero farmacológico), ora o dispara com um vetor negativo.

Por se tratar de uma senóide estas ações se repetirão várias vezes se diluições cada vez mais altas.

Quando se faz Isopatia é crença geral que numa determinada zona tida como homeopática, isto e, em altas diluições, um metal pesado

dinamizado, mercúrio, pudesse sempre ser eliminado do corpo, mas isto não é totalmente verdadeiro.

Na realidade, qualquer substância (um metal pesado), diluída e dinamizada ora dispara o seu receptor como agonista, ora como antagonista e em alguns momentos não apresenta nenhum destes dois efeitos, acontece simplesmente um zero farmacológico.

Como se dá este processo?

Sabemos que uma substância em doses ponderais dispara um receptor e em virtude disto uma cadeia metabólica, o que resulta em uma ação terapêutica.

Há pouco tempo foi proposta a existência dos clusters / agrupamentos de memória de água em que um íon em meio aquoso induz / estrutura a formação de uma gaiola de moléculas de água que se organizam a sua volta, parecido com o que já era conhecido por solvatação.

Vamos

Dentro deste conceito todo íon estrutura em torno de si um agrupamento de moléculas de água com uma estrutura espacial elétrica que se assemelha a uma fagulha de ferro por ser um dipolo.

Por mais concentrado que esteja um íon numa solução a tendência do mesmo é estruturar a água a sua volta, como uma gaiola elétrica e por isto, quem dispara o receptor não seria um contato direto do íon, mas a gaiola elétrica que ele deu origem que ele estruturou.

A partir deste conceito temos que repensar como age um dipolo sobre o seu receptor, deixa de ser uma ação direta, como chave na fechadura, mas a de uma chave recoberta por uma luva, moléculas estruturadas de água a sua volta.

O contato entre íon e receptor passa a ser através do seu cluster / agrupamento de memória de água ainda que em baixas diluições o elemento estruturado ainda esteja presente como um pássaro / imã

preso numa gaiola elétrica com cargas elétricas distribuídas em sua superfície.

Imagine uma solução em que a diluição esteja acima de 7 CH.

Se ainda há íons presentes no solvente, por que eles não são capazes de disparar o seu receptor? Por que eles não são capazes de estruturarem gaiolas elétricas / clusters / agrupamentos de memória de água?

Se eles se formam, por que não conseguem disparar os seus respectivos receptores?

Dirão que as cargas elétricas na superfície da gaiola são muito fracas e por isto são insuficientes para disparar os seus receptores respectivos.

A Farmacologia Clássica concluiu que nestas diluições nada ocorre porque numa diluição bem mais baixa, 4 CH, já se tinha atingido o zero farmacológico.

Estudos anteriores que foram confirmados pelo trabalho feito no Brasil que já foi citado acima, mesmo em diluições bem mais altas há uma resposta terapêutica, ainda que esta ação possa ser inversa aquela da mesma substância em baixas diluições.

Já que uma substância é capaz de disparar o seu respectivo receptor, será que é possível medir *in vivo* ou *in vitro* a ação de uma substância, mesmo em diluições mais elevadas?

Hahnemann conseguiu fazer isto *in vivo* e até hoje os homeopatas conseguem fazer o mesmo através das patogenesias.

Os alopatas alegam que tudo o que nós fazemos não passa de efeito placebo. Já que *in vivo* sempre se pode alegar o efeito placebo, será que não se pode reproduzir esta mesma ação *in vitro* com unicelulares ou células isoladas?

Voando mais longe acho que seja possível mesmo com células mortas testar o efeito corante da eosina em diferentes diluições, ou seja, mesmo sobre células mortas promover um efeito agonista (corante), um efeito antagonista (impedir que seja corado) e em determinadas diluições de eosina constatar que ela não demonstra efeito corante ou descorante.

Proponho que se repitam os estudos testando a lei dos semelhantes de forma isopática sobre uma cultura de células isoladas de um sistema vivo onde é mais fácil controlar a influência de todas as variáveis que influenciam no processo.

Dr Bernard Vijnovsky, da Argentina, emite uma hipótese de que os efeitos patogénicos de uma substância em nosso organismo podem ser anulados pela ação de outra substância cuja fórmula estrutural apresente uma semelhança com a primeira

- Los antagonistas similares en Biología. Ed. La Clínica. Buenos Aires. Argentina. 1960.

Proponho que se use um modelo isopático, pois se sabe que um veneno pode ser anulado pelo mesmo veneno em diluições mais altas.

Um teste simples seria testar o efeito bacteriostático de um antibiótico em várias diluições. Se o raciocínio acima estiver correto em certas diluições ele impedirá o crescimento da bactéria, em outros ele não terá qualquer efeito e outras ele exercerá um efeito antagônico sobre o antibiótico mais concentrado impedindo que ele dispare o receptor e provoque a paralisia de uma via metabólica essencial para a multiplicação da bactéria.

Antidotar uma substância tóxica com a mesma substância em uma diluição mais alta já foi testado e comprovado in vivo por toxicólogos, só falta provar o mesmo in vitro. Tenho visto se confirmar na clinica neutralizando veneno de cobra, o efeito de radiatox etc. Isto não é Homeopatia, mas do ponto de vista de receptores o feito é o mesmo.

Primeira proposta:

Testar o efeito terapêutico de várias diluições de uma substância conhecida. O objetivo é traçar a senóide que é capaz de produzi, tanto o efeito agonista, quanto antagonista e os diversos zeros farmacológicos

Espera-se que uma solução baixa produza o efeito farmacológico agonista já conhecido, ex: adrenalina sobre o coração isolado.

Em seguida testar a mesma substância para conhecer a diluição ideal para obter o efeito antagonista.

Como a ligação entre uma droga e o seu receptor é muito lábil, pela lógica se espera que os agrupamentos da substância nesta solução concorram com o receptor e possam expulsar dali os agrupamentos com ação agonista levando a uma resposta antagonista.

Para o homeopata que acredita que o medicamento age através de uma força invisível, espiritual, fica muito difícil entender esta proposta, mas tudo em ciência precisa ser testado antes de simplesmente contestar.

“O essencial é invisível aos olhos.” - A. S. Exupéry

A seguir vamos revisar a literatura sobre o assunto tentando demonstrar como as altas diluições também são capazes de disparar os receptores

As moléculas de água se atraem porque possuem cargas positivas e negativas.

A molécula de água possui uma carga negativa no oxigênio central e pequenas cargas positivas nos hidrogênios, o que dá origem a um **dipolo** / imã

Por ser polar, há uma **força de atração** chamada **íon-dipolo** entre a água e um íon de carga oposta. As moléculas de água tendem a

orientar qualquer tipo de íon e faz com que permaneçam associadas com ele. O íon se torna hidratado ou solvatado.

O número de moléculas de água diretamente relacionadas com cada íon depende do tamanho do íon e da magnitude de sua carga.

Embora estas ligações sejam fracas, ao redor de cada molécula de água agrupam-se outras quatro moléculas de água que se unem entre si através das pontes de hidrogênio. Pode comparar este efeito com um ímã atraindo as fagulhas de ferro.

A Biologia Molecular tem estudado com interesse a ligação entre as moléculas de água, pois elas estabilizam diversas proteínas e estruturas helicoidais essenciais para os seres vivos.

As pontes de hidrogênio mantêm as moléculas de água fortemente unidas, formando uma estrutura compacta.

Por não poder comprimir-se, esta estrutura pode funcionar em alguns animais como o esqueleto hidrostático, como ocorre em alguns vermes perfurados capazes de penetrar a rocha mediante a pressão gerada por seus líquidos internos.

Pelo fato de ao redor de cada molécula de água se dispor outras moléculas unidas por pontes de hidrogênio, isto permite que se forme no seio da água uma *estrutura ordenada do tipo reticular*, que em grande parte é a responsável pelo seu comportamento anômalo e por suas propriedades físico-químicas.

A adição de um soluto ao meio aquoso em soluções extremas (infinitesimais) não somente altera o comportamento da água em algumas medidas físico-químicas, como evidencia que, após esse processo, a água pode apresentar novas propriedades biológicas.

As diferenças de propriedades apresentadas pela água, como solvente, mesmo sem que haja uma alteração de sua composição química, faz com que se torne difícil aceitar que a melhor maneira de expressar a fórmula da água, como solvente, seja apenas H₂O.

Algumas moléculas, com as características deceptoras e doadoras de prótons, que formam ligações de hidrogênio, podem adotar uma estrutura alternativa de “gaiolas” ou “estruturas fechadas com atividades centrais”, chamadas de agrupamentos (clusters).

Cluster – unidade de armazenamento de dados. A partir de agora vamos chamar a um agrupamento de água com capacidade armazenar informação, ou seja, manter a memória de um soluto que esteve presente nela de agrupamento (=cluster).

A fórmula $(\text{H}_2\text{O})_n$ para a água, como solvente, parece mais adequada, onde n indica o número das moléculas de água que participam de um agrupamento (cluster) em volta de um íon ou dipolo.

O valor médio de n muda para cada soluto e para cada diluição. Tais estruturas ou agrupamentos não são estáveis quando se tornam muito grandes, devido aos espaços vazios, mas adquirem estabilidade quando uma molécula de tamanho apropriado preenche a sua cavidade (como acontece com os gases hidratados).

A água líquida é vista como uma mistura de agrupamentos, constituídos por moléculas de H_2O , de diversos tamanhos e diversos formatos, de acordo com a temperatura do sistema.

Entende-se que tais agrupamentos de água são estruturas do tipo $(\text{H}_2\text{O})_n$ dispersos em uma rede de moléculas de H_2O .

Na adição de solutos em soluções extremas (infinitesimais) primeiro se formam aglomerados de moléculas do solvente ao redor das moléculas do soluto que se mantêm no meio líquido quando a solução é diluída.

O íon Mg^{2+} é um *estruturador (structure maker)* e orienta as moléculas de água formando uma estrutura ordenada em solução aquosa.

Este íon é hexahidratado na sua 1-a esfera de solvatação e é capaz de aportar moléculas de água para as camadas da pele, interagindo diretamente com grupos protéicos, ácidos nucleicos, membranas etc. Um processo químico espontâneo ocorre quando duas condições são satisfeitas:

Condição 1: tendência a se mover para um estado de menor energia (menor **entalpia**);

Condição 2: tendência a se mover para um estado molecular mais caótico (desordenado, ou de maior **entropia**).

O valor de entropia padrão de um íon em solução mede a capacidade deste íon de estruturar as moléculas do solvente ao seu redor em relação ao íon H^+ , adotado como zero na escala de entropia.

O íon magnésio possui a menor entropia em solução e o maior raio hidrodinâmico, indicando que este íon é um forte estruturador do solvente e por isto consegue manter muitas moléculas de água ao seu redor. O íon Mg^{2+} , em meio aquoso, parece promover um efeito substancial, tanto na reestruturação do solvente, como na capacidade de se ligar à biomoléculas, promovendo um aumento da hidratação da pele.

A solução concentrada de $MgCl_2$ é a que mais hidrata a pele.

Esse desempenho diminui com o tempo.

Uma solução concentrada de $MgCl_2$ causa uma leve irritação local.

A partir de um determinado momento, mesmo quando não há mais soluto numa quantidade significativa numa solução, os agrupamentos de água continuam existindo e eles são capazes de manter características na solução semelhantes, como se o soluto ainda estivesse presente.

Em geral, para cada substância há um agrupamento de água específico.

O $MgCl_2$ confirmou o seu bom desempenho para aumentar a quantidade de água presente na pele após a aplicação de algumas de suas diluições.

Valores médios de hidratação do estrato córneo 2, 5 e 8 horas após a aplicação das soluções de MgCl₂.

- log [MgCl ₂]	Hidratação (%) após 2h	Hidratação (%) após 5h	Hidratação (%) após 8h
1	17	13	8
3	-1	1	0
5	2	2	0
7	5	10	5
9	5	8	5
11	7	10	5
13	2	3	0
15	2	0	0
17	0	0	0
19	-4	3	6

É interessante notar que, através de medidas complementares independentes, como as da hidratação da pele, as soluções na faixa de concentração de $\sim 10^{-7}$ mol L a $\sim 10^{-11}$ se mostraram como as mais eficazes.

As soluções de MgCl₂, na faixa de concentração entre $\sim 10^{-1}$ mol L e $\sim 10^{-19}$ mol L foram aplicados à pele para verificar o desempenho dessas em relação à hidratação do estrato córneo.

Segundo este modelo, substâncias que não formam agrupamentos de água desse tipo ao seu redor, não dão origem a soluções estruturadas em suas diluições.

As diversas soluções de Mg²⁺ agem assim:

Agonistas: valores > 0 acontecem zeros farmacológicos (em torno de 2C e em 17C);

Antagonistas: valores < 0 , confirmando a lei de Arndt-Shulz.

As diversas soluções de uma mesma substância agem ora como agonistas, ora como antagonistas, formando uma senóide com vários zeros farmacológicos.

Isto significa que uma mesma substância ora dispara o seu receptor como agonista, ora como antagonista e em alguns momentos não há qualquer resposta farmacológica, ou seja, acontece um zero farmacológico.

Os médicos que praticam Isopatia (terapia pelo igual) têm resolvido quadros alérgicos através do poder inibidor que possuem os alergenos quando são aplicados em doses infinitesimais por via oral. Os isopatas usam como medicamento a mesma substância que foi capaz de desencadear o processo alérgico. A mesma coisa faz os ortomoleculares diante de qualquer intoxicação por alumínio, cádmio, mercúrio etc.

Uma mesma substância diluída, de acordo com a lei de Arndt-Shulz:

- a) Excita a atividade fisiológica (efeito agonista);
- b) Retarda-a (efeito antagonista);
- c) Interrompe-a (zero farmacológico).

Uma solução, mesmo que a composição soluto-solvente seja a mesma, em diluições sucessivas, apresenta propriedades físicas diferentes e detectáveis através de certos métodos, ex.: cristalizando a solução, observando sua ação terapêutica, etc.

Estas propriedades físicas permanecem no solvente, mesmo quando não é possível detectar mais qualquer molécula do soluto, ou seja, quando a quantidade do soluto no solvente ultrapassa a constante de Avogadro.

Isto ocorre a partir de uma diluição homeopática de 12 CH, ou seja, 1/100 12 vezes.

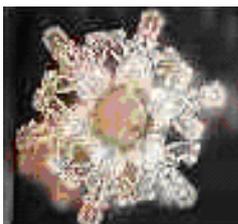
O Número de Avogadro corresponde ao número de moléculas contidas em um mol de uma substância. Seu valor é de 6,02. 10²³, de acordo com pesquisas efetuadas em 1965.

A estrutura formada pelas moléculas de água ao redor das biomoléculas é responsável pela atividade destas nos organismos. Concluimos que uma molécula polar em meio líquido age sobre o seu receptor não diretamente, mas através do seu agrupamento ou gaiola elétrica / envoltório de água induzido por ela.

Esta figura mostra como a água destilada ou deionizada se agrupa em volta da água, não chegando a formar um agrupamento de água estruturado, pois falta um íon para isto.



O cristal a seguir foi formado a partir da água de uma fonte, onde existem íons, que induzem a formação de agrupamentos estruturados.



Com base na formação de cristais específicos para diferentes tipos de água, acreditamos que seja possível comprovar em laboratório que uma substância bipolar é capaz de induzir a formação de cristais com configurações próprias e individualizantes, tanto em diluições concentradas como em diluições extremas (infinitesimais ou homeopáticas), pois estes padrões dependem tão somente dos agrupamentos de água ali contidos e não apenas da presença material do soluto que estava presente dentro de suas respectivas gaiolas elétricas / clusters nas baixas diluições.

Nem todas as moléculas formam dipolos, o trimetilpsoraleno, da classe dos psoralenos, é uma molécula apolar que não dispara os receptores da membrana celular, mas a “atravessam” chegando ao o núcleo.

Na presença da luz UVA dá-se um estado excitado (biaduto), que se liga a base timina do DNA (*crosslink*), interferindo no ciclo celular e levando à sua morte.

Os psoralenos são encontrados nas folhas do cipó-de-São-João (*Pyrostegia venusta* Miers) e na Mamacadela (*Brosimum gaudichaudii* Trécul), utilizada no tratamento do vitiligo. Por não ser um dipolo, tudo indica que uma substância deste tipo não age sobre o seu receptor através dos seus respectivos agrupamentos, já que a molécula não possui cargas e por isto não pode gerar uma gaiola elétrica / um agrupamento de memória de água. .

Existe uma semelhança na fórmula química entre os diversos opioides.

O isômero levógiro dos opioides é farmacologicamente ativo, enquanto o isômero dextrógiro não é ativo, exceto o dextrometorfano.

Um antagonista para os opioides é a naloxona, que reverte rapidamente a ação farmacológica destes.

As endorfinas são substâncias endógenas e os opioides são substâncias exógenas capazes de disparar os mesmos receptores. Sendo assim, é de se supor que o *Opium* homeopático dispare o mesmo receptor que as endorfinas.

A naloxona também bloqueia o efeito analgésico da Acupuntura, que para muitos agia sobre o organismo apenas através de uma energia, mas a Acupuntura promove a liberação de endorfinas, que ocupam os mesmos receptores dos opioides.

Pode-se concluir que a Acupuntura tem um efeito físico-químico, isto é, energético e molecular.

Se pelo menos uma das ações da Acupuntura pode ser explicada pela teoria dos receptores, através da liberação de endorfinas, não está longe de se provar que o efeito do medicamento homeopático também se dá através dos receptores.

Tanto o álcool, como a acetona se dissolvem em água sem que haja a formação de íons. Qualquer substância que se dissolve em água sem a formação de íons é chamada de um **não-eletrólito**.

Em geral, solutos moleculares que são polares ou aqueles que podem formar ligações de hidrogênio, são solúveis em água. A água e a acetona são dois exemplos de não-eletrólitos.

Moléculas orgânicas com momento dipolar zero, como o CCl_4 , são imiscíveis em água, e tendem a formar misturas bifásicas com ela.

Em geral, substâncias polares se dissolvem substâncias polares, enquanto que as apolares se dissolvem outras apolares, o que dá sentido à regra “semelhante dissolve semelhante”.

Avaliando a existência dos agrupamentos de água e a teoria dos receptores, torna-se possível explicar a ação do medicamento homeopático.

Numa diluição acima de 12 CH ($12 \times 1/100$), onde, pelo número de Avogadro, não existem moléculas do soluto, os agrupamentos de água por ele estruturados permanecem estáveis nas diluições sucessivas.

Assim como os agrupamentos de água formados por substâncias em baixas concentrações são capazes de dispararem seus respectivos receptores, os mesmos agrupamentos de água em diluições extremas (infinitesimais) são capazes de agir, tanto como agonistas, como antagonistas ou apresentarem um zero farmacológico, dependendo da sua diluição.

A bússola aponta para o norte magnético, algo que existe, mas que não vemos, mas apenas sentimos, tal como o vento.

Podemos admitir que a ação do medicamento homeopático possa ser comparada com um uma fagulha de ferro (medicamento homeopático ou sua respectiva gaiola elétrica / agrupamento de memória de água que permanece no meio líquido mesmo na ausência da substância que o estruturou.

A partir desta atração magnética entre o medicamento homeopático e o seu receptor ocorre o disparo do mesmo, o que equivale uma seqüência de reações químicas capazes de ativar determinadas vias metabólicas necessárias para o funcionamento da homeostase / força vital.

Escolhemos o *Curare* para ilustrar nossa hipótese sobre como um medicamento homeopático age sobre os receptores.

O indivíduo que responde ao *Curare* apresenta no pólo negativo um comportamento autista. Ele evita ver gente e fecha-se em si mesmo, junto com um comportamento de auto e hetero-agressividade física e / ou mental.

Na polaridade oposta o indivíduo *Curare* consegue manter certo contato social, ainda que restrito e robotizado, como se precisasse de alguém para conduzi-lo à ação.

Neste estado, o indivíduo *Curare* pode freqüentar uma escola e até concluir um curso superior.

Como é possível reverter um quadro de autismo administrando *Curare* em diluição extrema (homeopática)?

Podemos explicar isto através da teoria dos receptores.

A tubocurarina, que se encontra no preparo homeopático do *Curare* é capaz de provocar um quadro patogenético (efeito de uma droga sobre um organismo sadio) semelhante ao que encontramos num paciente com o diagnóstico de autismo infantil.

No rato, a tubocurarina provoca uma paralisa dos músculos voluntários, um tremor grosseiro em todo o corpo e a perda da capacidade de apreensão ao agarrar-se a uma barra. Finalmente, ela age sobre os músculos que estão envolvidos com a respiração, levando a morte se for administrada em altas doses.

A vítima atingida pela tubocurarina permanece muito desperta e consciente do que está acontecendo e percebe a paralisia progressiva sem poder pedir ajuda ou fazer qualquer gesto.

Aplicando-se respiração artificial, é possível reverter este quadro sem deixar seqüelas.

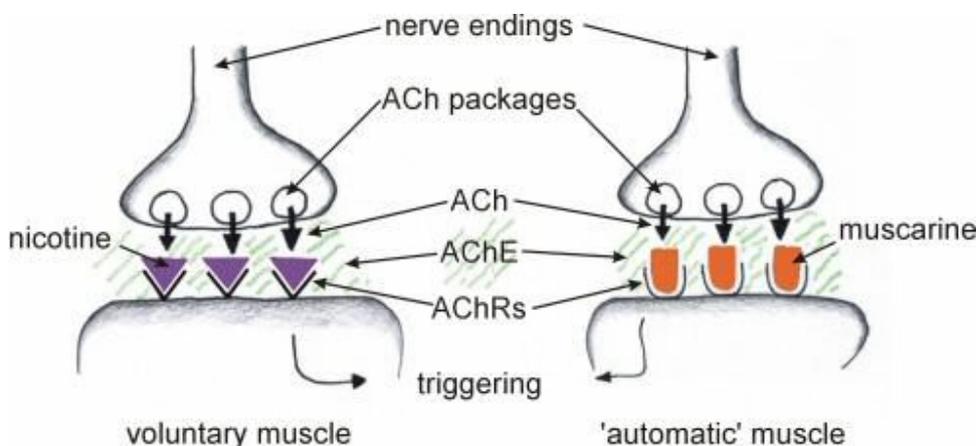
Quando a musculatura esquelética não consegue mais ser estimulada sob o efeito do *Curare*, dá-se um bloqueio competitivo com a acetilcolina sobre as junções neuro-musculares, devido a sua afinidade pelos receptores colinérgicos-nicotínicos, desregulando a abertura e fechamento dos canais iônicos do tipo "tudo-ou-nada", baixando a freqüência da abertura (não havendo entrada do cálcio),

o que chega a provocar um bloqueio dos canais, se for administrada em grande quantidade.

A tubocurarina bloqueia o sinal proveniente dos nervos para os músculos, por competição (antagonismo), ao se combinar com os receptores acetilcolínicos, impedindo a abertura do canal receptor de ACh na placa motora.

Ela não atravessa a barreira hemato-encefálica, por isto não atinge o S.N.C.

Receptor da Tubocurarina na junção neuro-muscular.



O efeito primário do *Curare* homeopático sobre o ser humano é praticamente igual ao que ocorre no rato e corresponde ao efeito da tubocurarina.

O indivíduo fecha-se em si mesmo, longe das pessoas.

[HERING - Curare - Mind] - ∞ Very much depressed about Herself, desire only to shut her up away from people. ∩ Nervous debility.

Tudo indica que o curare homeopático é extraído da planta *Strychnos toxifera*, mas existem outras espécies do gênero que com potencial para induzir quadros semelhantes:

***Strychnos darienensis*, *Strychnos panamensis*, *Strychnos tarapotensis*, *Strychnos guianensis*, *Strychnos oiapocensis*, *Strychnos glabra*, etc.**

Se usado homeopaticamente em um paciente com autismo agressivo, seu efeito se assemelha ao de um antagonista da tubocurarina, age como um descurarizante, devido ao efeito secundário ou curativo, que Hahnemann chamava de reação da força vital / homeostase (1) levando o paciente *Curare* a um estado semelhante ao de uma saúde equilibrada / cura.

(1) No capítulo “Primeiro turno de um passeio pelo Organon” mostro mais detalho sobre o que era cura para Hahnemann e com o qual concordo totalmente, conceito este muito diferente do que tenho visto entre muitos unicistas.

O indivíduo com o distúrbio de Asperger, também chamado de autismo do adulto, apresenta um quadro muito mais suave, onde predomina um déficit de atenção, muita lentidão, como se todos os sentidos estivessem desligados da tomada. O medicamento homeopático que tem resolvido a maioria dos casos tem sido *Helleborus niger*. Quando o déficit de atenção não é tão profundo, mas o quadro é quase igual tenho tido respostas positivas com *Helleborus foetidus*.

Acredito que outros *Helleborus* possam ser usados em vários quadros com déficit de atenção sem hiperatividade.

Quando estão presentes a hiperatividade com déficit de atenção e a agressividade *Verat-v* tem sido o medicamento de escolha, quando bate no peito. Interessante que há um parentesco entre a planta *Helleborus* e a planta *Veratrum viride*.

Proponho que se estudem outras plantas do gênero *Veratrum* (*Veratrum californica* etc) com uma grande chance de serem encontrados neste gênero os medicamentos para outras crianças que apresentam mais hiperatividade, mais agressividade e déficit de atenção, que não respondem com *Verat-v*, apesar de sua imagem ser muito parecida com este, além de baterem no peito.

Sul-ac também apresenta hiperatividade, déficit de atenção, mas sem agressividade. Apesar de *Verat* ter sido incluído como um medicamento desta síndrome eu acredito que ele age apenas como um similar, pois a imagem de *Verat* não mostra déficit de atenção mesmo que goste velocidade, tenha certa hiperatividade.

Nossa conclusão é que uma diluição infinitesimal / homeopática mantenha o poder de disparar o mesmo receptor que a substância original da qual foi preparada.

O fato da substância (soluto) não estar mais presente no solvente não invalida a hipótese de que ela tenha uma ação sobre o seu receptor, pois o soluto estrutura agrupamentos específicos no solvente, que permanecem estáveis, mesmo quando o soluto não está mais presente.

A solução homeopática induz a formação de uma estrutura espacial / uma gaiola com cargas elétricas em sua superfície como um dipolo que é semelhante às cargas elétricas do soluto original, e por este motivo ele mantém o poder de disparar o receptor com um vetor + ou -, dependendo da concentração dos agrupamentos no solvente, o que nas patogenesias Hahnemann chamou de efeito primário e secundário.

Uma substância bipolar em solução concentrada provavelmente não se liga diretamente ao seu receptor pelo fato de formar agrupamentos de água ao seu redor, mas a gaiola elétrica que estrutura é atraída pelo receptor, como as limalhas do ferro são atraídas pelo imã.

É sabido que muitos venenos permitem a produção de novos medicamentos destinados ao controle de diversas doenças.

Tudo leva a crer que será possível produzir medicamentos isopáticos em diluições extremas de peptídeos e administrá-las por via oral, sem que correr o risco de serem destruídos por enzimas, graças à presença dos agrupamentos estruturados por eles.

BIBLIOGRAFIA

<http://www.entretiens-internationaux.mc/youbi.htm>

Porto, Maria Eugênia Garcia - Tese de Doutorado - Alterações de Propriedades da Água por Processos Físicos e Químicos - 2004 - veja em

<http://biq.iqm.unicamp.br/arquivos/teses/ficha59317.htm>

LEITE, V. C. – Avaliação da atividade foto tóxica in vitro de furanocumarinas em células de melanoma humano e fibroblastos humanos normais. Dissertação de Mestrado. UFG. 2003.

Stanlei I. Klein - O fenômeno da hidratação e os eletrólitos: a definição de Ácidos, Bases e Sais segundo Svante Arrhenius veja em

<http://64.233.161.104/search?q=cache:jE0y8jraJ1IJ:inorgan221.iq>

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR (Apud Prof. Dr Cláudio Martins Real – Comprovação Moderna da Homeopatia).

BELLAVITE,P; Homeopathy.A frontier in Medical Science, North Altantic Boock;Berkeley,1995;

CONNELLY B;How Homeopathy Works; SMITH, R & BOERICK, G, Jour.Am.Inst. Homeop. Set/Out, 1966;

LU DU VIN, C- Taxe de Doctorate “Les Dilutions Homeopatiques ... “ Faculte de Pharmacies de Montpellier, France, 1974;

SHARMA, R, R – Indian Homeopathic Journal 1986;

GENGOUX,P – Manuel d’Homeopathie Veterinarie 1976.

Desoer, Ed. Liege, Belgium;

LASNE, I – L’Homeopathie: Traitment de/par L’Information 1993 – Hautes Diluition de Natura Rerum;

LASNE, I, BERLIOCCHI, H, CONTE R, R, VERNOT, G. Theorie des Hautes Dilutions et Aspects Expérimentaux. 2^a ed. Politécnica 1997. Paris;

LASNE, I. CONTE,R,R, BERLIOCCHI, H. Theorie des Hautes Dilutions. Application au Vivant. Polytechnic . 2000. Paris.

<http://genome.dkfzheidelberg>.

<http://www.biomedcentral.com/1472-6882/4/15>

<http://en.wikipedia.org/wiki/Homeopathy>

http://www.digibio.com/cgi-bin/node.pl?lg=us&nd=n4_11

<http://www.aquatechnology.net/functionalreferences.html>

http://www.cerebromente.org.br/n12/fundamentos/neurotransmissores/nerves_p.html

<http://www.i-sis.org.uk/WaterRemembers.php?printing=yes>

<http://www.i-sis.org.uk/isisnews/sis15.php>

<http://www.medicina-naturista.net/noticias/OMHI.htm>

Louis Rey, Low-temperature thermoluminescence. Nature, Vol.

391, 22 enero 1998.

Louis Rey, Thermoluminescence de la glace. Cahiers de Recherche de l'Académie des Sciences de Paris. Tomo 1, serie IV, pp. 107-110, 2000. Solides, fluides: structures.

<http://www.homeopatiaalmeidaprado.com.br/sgc/base/new4one.asp?idn=41>

C. H. Cho, S. Singh and G. W. Robinson, Liquid water and biological systems: the most important problem in science that hardly anyone wants to see solved, *Faraday Discuss.* **103** (1996) 19-27.

<http://www.lsbu.ac.uk/water/ref.html> (referências sobre a água e as estruturas por ela induzidas)

http://www.skepp.be:8080/skepp/artikels/alternatieve_behandelingen/ECH_report_research112004-1.pdf

"Despite my reservations against the science of homoeopathy," says Ennis, "the results compel me to suspend my disbelief and to start searching for a rational explanation for our findings." She is at pains to point out that the pan-European team have not reproduced Benveniste's findings nor attempted to do so.

Veja este texto no site :

<http://www.digibio.com/archive/20010315-Guardian.htm>

<http://www.i-sis.org.uk/WaterRemembers.php?printing=yes>

First, there were the South Korean chemists who discovered two years ago that molecules dissolved in water clump together as they get more diluted (see *SiS 15*), which was totally unexpected; and further more, the size of the clumps depends on the history of dilution, making a mockery of the 'laws of chemistry'.